

The New York Times: a política externa na campanha presidencial de 2008

MARIA INEZ MATEUS DOTA

Universidade Estadual Paulista (Bauru SP-Brasil)

RESUMO

Este artigo visa mostrar como o jornal *The New York Times* apresenta os posicionamentos sobre política externa dos dois principais candidatos – Barack Obama e John McCain, na eleição presidencial de 2008. Fundamenta-se nos Estudos do Jornalismo desenvolvidos por Sousa (2004 e 2006) e Traquina (2004 e 2005) e tem como aporte metodológico a Análise Crítica do Discurso, com os trabalhos de Bell (1991), Fairclough (1995 e 2003) e Fowler (1991), e os estudos do discurso de linha francesa, com Maingueneau (2001) e Charaudeau (2006). Os resultados apontam que, embora o candidato Obama deixe entrever algumas luzes em direção ao diálogo entre os Estados Unidos e os países com que mantém conflitos, a postura dos dois candidatos mantém sinais de continuidade da política intervencionista americana – trevas.

Palavras chave: Jornalismo, análise do discurso, política externa.

ABSTRACT

This paper aims at showing how *The New York Times* presents the positioning on foreign policy of the two main candidates – Barack Obama and John McCain, in the 2008 presidential election. It is based on the Journalism Studies developed by Sousa (2004 and 2006) and Traquina (2004 and 2005) and it has the methodological support of the Critical Discourse Analysis, with the works of Bell (1991), Fairclough (1995 and 2003) and Fowler (1991), and of the French stream of discourse analysis, with Maingueneau (2001) and Charaudeau (2006). The results point out that, although the candidate Obama permits a glimpse of light regarding a dialogue between the United States and the countries it has some conflicts with, the posture of both candidates keeps signs of the American intervention policy continuity – darkness.

Keywords: Journalism, discourse analysis, foreign policy.

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho objetiva discutir como são apresentadas pelo jornal *The New York Times* os posicionamentos sobre política externa dos dois principais candidatos nas eleições presidenciais de 2008 – Barack Obama (do Partido Democrata) e John McCain (do Partido Republicano). Parte-se da hipótese de que as manifestações dos candidatos nessa temática oscilam entre uma posição de sinalização para o diálogo (luzes) e uma posição de dominação (trevas) com relação a determinados países em posições estratégicas ao redor do mundo.

A análise que se pretende aqui empreender adota uma perspectiva discursiva, ou seja, visa a verificar que recursos discursivos são utilizados para inserir no jornal as vozes dos dois principais candidatos no tocante à política externa. Nessa direção, trabalha-se com questões tais como a intertextualidade (como um texto incorpora partes de outros textos), a interdiscursividade (como um tipo de discurso se articula com outros tipos de discurso), a modalização (a atitude do sujeito enunciador perante seus enunciados), a ironia e o implícito ou não-dito.

Para tanto, recorre-se a autores como Fairclough (1995¹ e 2003²), Fowler (1991)³ e Bell (1991)⁴ – da Análise Crítica do Discurso –, que ajudam a detectar como os usos da linguagem se ligam a questões ideológicas e, conseqüentemente, a posicionamentos de dominação e poder. Paralelamente, tem-se o aporte da Análise do Discurso de linha francesa, principalmente os escritos de Maingueneau (2001)⁵ e Charaudeau (2006)⁶ que se debruçam sobre textos da mídia e indicam como as estratégias discursivas se configuram na construção dos significados.

A análise também se respalda nos Estudos do Jornalismo, com que se busca observar como são estruturadas as matérias jornalísticas em foco de modo a salientar ou minimizar certos aspectos da temática em questão, com vistas a produzir determinados sentidos. Com esses estudos, parte-se do pressuposto de que as notícias não retratam a realidade de forma neutra e objetiva, mas contribuem para a construção da própria realidade. Nessa linha, utilizam-se os trabalhos de Traquina (2004⁷ e 2005⁸) e Sousa (2004⁹ e 2006¹⁰) que estudam as ações (pessoais, organizacionais, ideológicas, etc) envolvidas

1 N. Fairclough, *Media discourse*, London, 1995.

2 N. Fairclough, *Analysing discourse: textual analysis for social research*, New York, 2003.

3 R. Fowler, *Language in the news: discourse and ideology in the Press*, London, 1991.

4 A. Bell, *The language of news media*, Oxford, 1991.

5 D. Maingueneau, *Análise de textos de comunicação*, São Paulo, 2001.

6 P. Charaudeau, *Discurso das mídias*, São Paulo, 2006.

7 N. Traquina, *Teorias do jornalismo, porque as notícias são como são*, Florianópolis, 2004.

8 N. Traquina, *Teorias do Jornalismo. A tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional*, Florianópolis, 2005.

9 J. P. Sousa, *Introdução à análise do discurso jornalístico impresso: um guia para estudantes de graduação*, Florianópolis, 2004.

10 J. P. Sousa, *Elementos de teoria e pesquisa da comunicação e dos media*, Porto, 2006.

na produção de notícias. Sousa (2004) ainda contribui para apontar como a Análise do Discurso se mostra profícua na interpretação de textos jornalísticos.

A análise proposta se justifica porque “a linguagem dos mídia noticiosos é proeminente e difundida na sociedade, e vale a pena entender como essa linguagem funciona, como afeta nossa percepção dos outros e de nós mesmos, como é produzida, como é moldada por valores”¹¹.

O *corpus* sobre o qual recai a análise é fruto de uma coleta efetuada nas páginas do *New York Times* em sua versão *on-line*, nos meses de agosto, setembro e outubro de 2008, isto é, nos 90 dias que antecederam as eleições presidenciais americanas ocorridas em 4 de novembro daquele ano. Utilizou-se uma coleta estratificada, ou seja, a segunda-feira da primeira semana, a terça-feira da segunda semana e assim sucessivamente, conforme sugere Sousa¹². Para uma pesquisa mais ampla, que estuda a cobertura das eleições de forma geral, obtiveram-se 98 matérias e, no caso específico da temática de política externa, levantaram-se 9 matérias.

Para contextualizar a política externa americana é relevante observar a participação dos Estados Unidos em duas guerras de destaque no cenário mundial, à época das eleições de 2008. Em 2001, após os atentados de 11 de setembro, alegando guerra ao terror, os Estados Unidos, juntamente com França, Canadá e outros países invadiram o Afeganistão. O objetivo era combater a Al-Qaeda e o regime talibã vigente naquele país que, supostamente, dava apoio a essa organização. Na realidade, trata-se de uma região estratégica para a produção de petróleo da qual nem os grupos locais, nem os Estados Unidos e nem a vizinha Rússia querem abrir mão. O ataque inicial removeu o Talibã do poder, mas as forças talibãs recuperaram seu vigor. O objetivo de restringir a movimentação da Al-Qaeda também não foi bem sucedido (cf. Wikipedia, 2010)¹³.

Em 2003, Os Estados Unidos, o Reino Unido e alguns países apoiadores invadiram o Iraque, alegando que este país possuía armas de destruição em massa. Com o decorrer da guerra, essa justificativa não ficou comprovada e o presidente George W. Bush ficou desacreditado pela decisão tomada. No entanto, o *New York Times* e muitos outros veículos da grande mídia apoiaram tal justificativa. O senador John McCain apoiou o presidente Bush na invasão ao Iraque e Barack Obama, também como senador, votou contra, embora muitos democratas tenham apoiado essa invasão (cf. Wikipedia, 2010)¹⁴.

No *corpus* utilizado no presente artigo destacam-se três assuntos que envolvem a política externa dos Estados Unidos e o posicionamento dos dois principais candidatos em campanha pela presidência: o conflito Rússia X Geórgia, a guerra do Iraque e a guerra do Afeganistão, sobre os quais nos debruçaremos a seguir.

11 A. Bell, *The language of news media*, Oxford, 1991, p. xiii.

12 J. P. Sousa, *Introdução à análise do discurso jornalístico impresso: um guia para estudantes de graduação*, Florianópolis, 2004, p. 52.

13 Wikipedia, “War in Afghanistan” em <http://en.wikipedia.org/wiki/War_in_Afghanistan>, acesso em 28 de out. de 2010, p. 1.

14 Wikipedia, “Guerra do Iraque”, em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Guerra_do_Iraque>, acesso em 28 de out. de 2010, p. 1.

2. A ANÁLISE

2.1. Rússia X Geórgia

Cronologicamente falando, a primeira matéria coletada é uma notícia que destaca, no título e no lide, posição extremada do candidato McCain com relação à Rússia, em princípio enfatizando, por sua estrutura textual, uma crítica negativa ao republicano no tocante à sua postura sobre esse país (trevas). Confirmam os exemplos abaixo:

(1)Título: *War Puts Focus on McCain's Hard Line on Russia* (Guerra coloca o foco na linha dura de McCain com a Rússia, 12 de agosto).

(2)Lide: *The intensifying warfare in the former Soviet republic of Georgia has put a new focus on the increasingly hard line that Senator John McCain has taken against Russia in recent years, with stances that have often gone well beyond those of the Bush administration and its focus on engagement.* (A intensificada luta na ex-república soviética da Geórgia colocou um novo enfoque na crescente linha dura que o senador John McCain adotou contra a Rússia nos últimos anos, com posições que têm frequentemente ido bem além daquelas da administração de Bush e de seu enfoque sobre o combate.)

Sousa coloca os títulos entre os elementos estruturantes do discurso jornalístico, uma vez que carregam uma “tensão entre a necessidade de chamar a atenção, `obrigando` a ler, e a necessidade de informar”¹⁵. Interdiscursivamente, o título da notícia acima citada traz para o texto jornalístico o discurso militar, numa possível alusão à trajetória do senador John McCain que quer se tornar conhecido na campanha presidencial também como um ex-combatente na Guerra do Vietnã. A expressão “linha dura” (*hard line*), sublinhada em (1), tem uma conotação negativa, pois remete ao autoritarismo e à extrema direita. Empregada no título da notícia configura um contexto desfavorável para o candidato republicano. Isso comprova que “todos os sentidos são socialmente construídos, que todo discurso é um produto social e uma prática social”¹⁶.

Em outra direção, o lide acima contém uma sutil ironia na expressão “um novo enfoque” (*a new focus*) sobre a “linha dura” do sr. McCain em relação à Rússia. Sua posição antagonica a esse país vinha sendo criticada por especialistas, porém quando a Rússia invade a Geórgia, há uma mudança de foco compulsória e naturalmente irônica. Nessa linha, há quem analise a postura do republicano como procedente, uma vez que não convém aos Estados Unidos (e a nenhum dos dois partidos) o avanço do poder russo numa região rica em petróleo. Dessa forma, a enunciação irônica aqui “apresenta a particularidade de desqualificar a si mesma, de se subverter no instante mesmo em que é proferida”¹⁷. Essa mudança de foco no tocante à postura de McCain é assim retratada pelo *New York Times*:

15 J. P. Sousa, *Introdução à análise do discurso jornalístico impresso: um guia para estudantes de graduação*, Florianópolis, 2004, p. 201.

16 R. Fowler, *Language in the news: discourse and ideology in the Press*, London, 1991, p. 8.

17 D. Mainqueneau, *Análise de textos de comunicação*, São Paulo, 2001, p. 175.

(3) *His hard line has been derided as provocative, and possibly dangerous, by some so-called realist foreign policy experts, who warn that isolating Russia would do little to encourage it to change. But others, including neoconservatives who deem promoting democracy a paramount goal, see Mr. McCain's position as principled, and prescient. Now, with Russia moving forcefully into Georgia as Mr. McCain seeks the presidency, his views are being scrutinized as never before through the prism of Russia's invasion. (Ibid. – Sua linha dura tem sido ridicularizada como provocativa, e possivelmente perigosa, por alguns especialistas em política externa chamados de realistas, que advertem que isolar a Rússia pouco ajudaria a mudá-la. Mas outros, incluindo os neoconservadores que julgam promover a democracia como uma meta suprema, veem a posição do sr. McCain como de princípio e cautelosa. Agora, com a Rússia se movimentando violentamente contra a Geórgia à medida que o sr. McCain busca a presidência, suas posições estão sendo escrutinadas como nunca pelo prisma da invasão efetivada pela Rússia.)*

O posicionamento de McCain é contrastado com o de seu oponente, Barack Obama, mas, na sequência, o periódico aponta que o fator que realmente move a preocupação da política externa americana, no que diz respeito à Rússia, é o fato de este ser um país rico em petróleo. Assim colocado, o bom relacionamento com que Obama acena (luzes) é justificado, na configuração que o jornal estabelece, por interesses comerciais dos Estados Unidos. Nesse aspecto, o jornalista que assina a notícia (ou o editor que possa ter interferido em sua construção), em uma ação pessoal, busca cumprir o seu papel de informar e esclarecer o leitor/eleitor. Fica preservada, assim, segundo Traquina, a função que os jornais têm de “guardião” do poder, em que “as relações assentam, segundo os seus teóricos da democracia, numa postura de desconfiança e numa cultura claramente adversarial entre jornalismo e poder político”¹⁸. Veremos, mais adiante, entretanto, que a postura de confronto com o poder estabelecido nem sempre se concretiza. Confirmam, no exemplo abaixo, a informação e o esclarecimento aos leitores/eleitores:

(4) *While Mr. McCain has long called for excluding Russia from the Group of 8, and isolating it on the world stage, his probable Democratic opponent, Senator Barack Obama, has made clear he favors more engagement with Russia (even as he speaks of reviewing relationships with Russia, including its interest in joining the World Trade Organization.)/The question of how to handle a Russia that is rich with oil revenues and increasingly independent has divided the foreign policy establishment. (Ibid. – Enquanto o sr. McCain há muito tem clamado por excluir a Rússia do Grupo dos 8, e isolá-la no cenário mundial, seu provável oponente democrata, o senador Barack Obama, deixou claro que ele é a favor de um maior engajamento com a Rússia (mesmo quando ele fala de rever relações com a Rússia, incluindo seu interesse em participar da Organização Mundial de Comércio.)/A questão de como lidar com uma Rússia que é rica em recursos de petróleo e cada vez mais independente tem dividido o estabelecimento de uma política externa.)*

18 N. Traquina, *Teorias do jornalismo, porque as notícias são como são*, Florianópolis, 2004, p. 129.

Uma das vozes trazidas à tona pelo *New York Times*, nessa notícia, inclusive utiliza a metáfora das trevas para se referir àqueles que se contrapõem ao posicionamento de McCain com relação à Rússia. Instaura-se, dessa maneira, o interdiscurso com o discurso religioso que vê nas trevas a ausência de discernimento por parte do ser humano. Dessa forma, o jornal que no final da campanha irá explicitar seu apoio a Barack Obama (Editorial de 24 de outubro), coloca-se como um veículo que vê os dois lados da questão – ação organizacional –, abrindo espaço para um conselheiro de McCain que critica aqueles que discordam da posição do republicano sobre a Rússia:

(5) *Robert Kagan, a senior associate at the Carnegie Endowment for International Peace and a top McCain foreign policy adviser, said that people who found Mr. McCain's rhetoric on Russia inflammatory were living in denial. (Ibid. – Robert Kagan, um associado sênior da Fundação Carnegie para a Paz Internacional e um alto conselheiro de McCain em política externa, disse que as pessoas que acharam a retórica de McCain inflamada com relação à Rússia estavam vivendo nas trevas.)*

Em posição não destacada – o último parágrafo da notícia –, o *New York Times*, possivelmente para não dar visibilidade à semelhança entre os dois candidatos, relata, pela intertextualidade (discursos indiretos de ambos), suas posições idênticas com relação ao conflito Rússia X Geórgia. As escolhas lexicais “delicadeza da situação”, grifadas em (6) abaixo, trazem, pelo não-dito, as preocupações da política externa americana em conter o avanço da força da Rússia na região de seu entorno. Com relação a essa escolha lexical, “um item somente pode ser selecionado se ele puder ser visto numa certa luz de representação, e, portanto, a seleção envolve um ato ideológico de representação”¹⁹. As escolhas lexicais acima destacadas constituem um eufemismo de linguagem para se referir à ameaça da situação provocada pelo conflito instaurado:

(6) *On Monday, though, Mr. McCain and Mr. Obama found themselves on the same page in dealing with the current crisis, perhaps reflecting the delicacy of the situation. Both said Russia had escalated the dispute beyond its catalyst, the conflict over South Ossetia; both said the United Nations Security Council should call for an end to the violence; both called for putting Georgia on a path toward membership in NATO; and both spoke of deploying an international peacekeeping force in the disputed areas that set off the fighting. (Ibid. - Na segunda-feira, entretanto, o sr. McCain e o sr. Obama encontravam-se no mesmo barco ao tratar da crise atual, talvez refletindo a delicadeza da situação. Ambos disseram que a Rússia tinha escalado a disputa além do seu catalisador, a Ossétia do Sul; ambos disseram que o Conselho de Segurança das Nações Unidas deveria exigir um fim da violência; ambos clamaram por colocar a Geórgia no caminho para se tornar um membro da OTAN; e ambos falaram de empregar uma força internacional de paz nas áreas em disputa que deram início à luta.)*

Assim enquadrada – como a ameaça da Rússia –, essa notícia se configura como um assunto próximo dos cidadãos americanos, tendo, portanto, o seu valor para ser publicada:

19 R. Fowler, *Language in the news: discourse and ideology in the Press*, London, 1991, p. 19.

É, pois [...] o modo de tratamento da notícia que faz com que o lugar do acontecimento esteja próximo ou longínquo. Se o que acontece trouxer uma sombra de ameaça aos interesses daqueles que recebem a informação [...], o local descrito pela notícia se tornará próximo; se, ao contrário, o conflito for tratado com distanciamento, sem que se sinta a pressão de uma ameaça, o espaço público será então avaliado como pertencente a um mundo diferente, num local geograficamente longínquo²⁰.

2.2. Guerra do Iraque

Igualmente em 12 de agosto, o *New York Times* publica notícia que avalia a possibilidade de Barack Obama ter como vice o senador democrata Evan Bayh que apoiou a invasão do Iraque, justificando à época que essa decisão visava cuidar da segurança do povo americano, numa alusão a ataques terroristas:

(7) ...*Mr Bayh said, adding that he concluded “we were simply left with no other credible alternative to protect the safety and well-being of the American people.”* (...o sr. Bayh disse, acrescentando que ele concluiu que “nós simplesmente não tínhamos outra alternativa plausível para proteger a segurança e o bem estar do povo americano.” – *Indiana Senator Offers Obama Risks and Rewards* (Senador de Indiana oferece riscos e recompensas a Obama), 12 de agosto).

A afirmação acima remete a uma postura de trevas do governo americano e daqueles que apoiaram a decisão, uma vez que a invasão não garante a ausência de ataques terroristas nem aos Estados Unidos e nem a outros países. Em oposição, o jornal apresenta a postura contrária de Obama com referência à invasão do Iraque (luzes), o que dificulta a composição de sua chapa com o senador Bayh:

(7) *Mr. Bayh’s support of authorizing force in Iraq stands in sharp contrast to Mr. Obama’s oft-stated view that he showed the good judgment to oppose the conflict from the start.* (*Ibid.* – O apoio do sr. Bayh para autorizar a força no Iraque aparece em franco contraste com a posição frequentemente reafirmada pelo sr. Obama em que ele mostrou o juízo acertado ao opor-se ao conflito desde o começo.).

Há, no trecho acima, uma avaliação positiva do periódico no tocante à posição de Obama e, naturalmente, o endosso do *New York Times* a essa posição. A expressão avaliativa “juízo acertado” (*good judgment*), sublinhada acima, demonstra a subjetividade do jornalista na avaliação do fato em questão e, dessa forma, sua ação pessoal na construção da notícia. O emprego do qualificativo “acertado” (*good*) “revela as crenças em que se baseia o pensamento em foco”²¹.

Quanto ao senador Bayh, o *New York Times* mostra, de um lado, que sua candidatura poderia contribuir com experiência em cargo executivo e na área econômica:

20 P. Charaudeau, *Discurso das mídias*, São Paulo, 2006, p. 136.

21 P. Charaudeau, *Discurso das mídias*, São Paulo, 2006, p. 48.

(8) *But admirers, some of whom are actively promoting Mr. Bayh as a No. 2, say he could complement Mr. Obama in areas like executive experience and economic expertise...* (Ibid. – Mas admiradores, alguns dos quais estão ativamente promovendo o sr. Bayh como No. 2, dizem que ele poderia complementar o sr. Obama em áreas como experiência executiva e em conhecimento de economia...)

Por outro lado, uma chapa com o senador Bayh poderia também macular a proposta de mudança defendida por Obama e manter a política externa americana nas trevas, especialmente porque, segundo o *New York Times*, o senador Bayh advogou em favor da indústria armamentista no estado de Indiana:

(9) *“In my view, he would contradict if not undermine the Obama message of change, turning a new page on foreign policy and national security.”* (Ibid. – “Em meu ponto de vista, ele [o senador Bayh] contradiria se não minaria a mensagem de mudança de Obama, virando uma nova página da política externa e da segurança nacional...).

(10) *He pushed for sending more heavily armored vehicles to Iraq, which turned out to be a benefit for military personnel and Indiana companies that received contracts to produce the equipment.* (Ibid. – Ele fez pressão para enviar veículos blindados mais pesados para o Iraque, o que se tornou um benefício para o pessoal militar e empresas de Indiana que receberam contratos para produzir o equipamento...).

A ideia que se tem pela publicação dessa notícia é que, em função de suas posturas pró-guerra do Iraque e de suas ligações com a indústria armamentista (trevas), o senador Bayh não deve figurar na chapa de Barack Obama, que desde o início se opôs à invasão. Essa construção de sentido certamente contribui para a formação de opinião naquele momento de eleição. De acordo com Charaudeau,

É claro que a opinião pública é difusa, fragmentada, explodida, móvel, instável, segundo movimentos brownianos, fixando-se na parede de uma certeza como se fosse um molusco no rochedo atingido pelas ondas. É o que as mídias proporcionam: que a verdade se fixe – provisoriamente – numa parede²².

Em editorial em que aponta o momento da vitória de Obama dentro do Partido Democrata como “O momento de Obama”, o *New York Times* também contrapõe os dois principais candidatos no tocante às suas posturas sobre a guerra do Iraque:

(11) *She said that Mr. Obama would “end the war in Iraq responsibly.” On that, like so many aspects of foreign policy, Mr. Obama and his opponent, Senator John McCain, have profoundly different visions that American voters need to understand in detail.* (Mr. Obama’s Moment (O momento do sr. Obama), 28 de agosto. – Ela [Hillary Clinton] disse que o sr. Obama “terminaria a guerra no Iraque com responsabilidade.” Nisso, como em muitos aspectos de política externa, o sr. Obama e seu oponente, o senador John McCain, têm visões profundamente diferentes que os eleitores americanos precisam entender em detalhe.)

22 P. Charaudeau, *Discurso das mídias*, São Paulo, 2006, p. 270.

Ao dar visibilidade para a manifestação da senadora Clinton, uma figura de destaque no cenário político americano, o periódico apresenta Obama como o candidato ponderado que vai por fim à guerra no Iraque “com responsabilidade” (luzes). Para Fairclough, “quando a voz de um outro é incorporada num texto, há sempre escolhas sobre como ‘enquadrá-la’, como contextualizá-la, em termos de outras partes do texto – sobre relações entre o relato e a narrativa autoral”²³. Neste caso, o enquadramento configura-se como positivo para o candidato democrata.

Em oposição, pelo implícito, o candidato McCain é mostrado como aquele que não possui a aludida ponderação (trevas), uma vez que tem visões sobre política externa completamente diferentes de seu rival na corrida presidencial. Esse discurso é compatível com o posicionamento do *New York Times* na campanha presidencial de 2008, ou seja, a opção pelo candidato Barack Obama. Ainda para Fowler, “um jornal assume que existe apenas um ponto de vista razoável em qualquer assunto apresentado. Os editoriais visivelmente afirmam esse ponto de vista: as notícias e outras páginas são escritas para assumir que esse ponto de vista é natural, senso comum...”²⁴.

Em se tratando de um editorial, em que o jornal manifesta sua opinião como uma instituição da mídia, um posicionamento favorável ao candidato democrata no início da campanha eleitoral deve ser considerado como fator importante no direcionamento dos apoios dados a esse político. Isso porque o *New York Times* pauta outras mídias, sendo, portanto, o seu papel de formador de opiniões um fato a se considerar, conforme aponta McCombs:

Os assuntos enfatizados por ele [o *New York Times*] tendem a ser os assuntos também enfatizados por outras organizações noticiosas. Não apenas outros jornais, mas também emissoras de TV. Essa influência é tão institucionalizada que todas as tardes a *Associated Press* envia mensagens aos seus associados com a seguinte chamada: “Essas são as matérias que estarão na capa do *New York Times* amanhã”. E a maioria dos jornais seguem esse exemplo.²⁵

Na linha de apresentar Obama como o candidato politicamente correto no tocante às suas posições sobre a guerra no Iraque, o periódico, em oposição, mostra uma dubiedade sobre assuntos de política externa nos bastidores da campanha de McCain, com inclinações que apontam para as trevas:

(12) *On Thursday night, Republicans here got few hints about whether Mr. McCain will appeal to the base by leaning toward the more confrontational, go-it-alone approach of President Bush's first term, or whether he will adopt the somewhat chastened, let's negotiate tone of the second term, which has driven many of the hawks to despair.* (Tug

23 N. Fairclough, *Analysing discourse: textual analysis for social research*, New York, 2003, p. 53.

24 R. Fowler, *Language in the news: discourse and ideology in the Press*, London, 1991, p. 231.

25 M. McCombs, “Um panorama da teoria do agendamento, 35 anos depois de sua formulação” (entrevista) em *Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, XXXI, 2, 2008, p. 211.

of War Over Foreign Approach (Cabo de guerra na abordagem [da política] externa), 5 de setembro. – Na quinta-feira à noite, os republicanos aqui [na convenção do partido] obtiveram poucos dados sobre se o sr. McCain apelará para a base, inclinando-se para uma abordagem de confronto, solitária, do primeiro mandato do presidente Bush, ou se adotará o tom moderado, do vamos negociar, do segundo mandato, que levou muitos falcões ao desespero.)

Ao apontar para a dúvida na pauta do candidato republicano, conforme trecho (12) acima, o *New York Times* também instaura a dúvida dentre os eleitores americanos e dentre os cidadãos do mundo que acompanham a política externa dos Estados Unidos, neste caso no tocante a John McCain. A alusão aos “falcões” (*hawks*), de acordo com o *Dictionary.com*, remete a uma possibilidade de trevas, uma vez que, na cultura americana, essa escolha lexical designa “aquelas pessoas que, especialmente no serviço público, advogam a guerra ou uma atitude nacional beligerante”²⁶. O jornal estabelece, assim, um interdiscurso com a linguagem militar, objetivando mostrar que no sistema americano existe uma pressão desses “falcões” para que os conflitos armados ocorram. Nessa direção, observa-se que “o discurso só adquire sentido no interior de um universo de outros discursos, lugar no qual ele deve traçar seu caminho. Para interpretar qualquer enunciado, é necessário relacioná-lo a muitos outros enunciados que são comentados, parodiados, citados, etc”²⁷.

A fala de McCain trazida à tona pelo jornal, intertextualmente pelo discurso indireto, proferida no momento da convenção, não desfaz a dubiedade apontada acima, embora se incline, em suas críticas, para a radicalização (trevas):

(13) *Before Mr. McCain appeared, a video dwelled on the most horrific images of Sept. 11, and Senator Lindsay Graham of South Carolina, one of Mr. McCain’s best friends, hailed him for his early advocacy of a strategy for Iraq that has succeeded – more troops. Mr. McCain reserved his toughest words for Moscow and Tehran, accusing the [sic] Vladimir V. Putin of “reassembling the Russian empire” and the mullahs of Iran of acting as the world’s biggest sponsor of terrorism. But he said nothing about how he would approach either, other than a vague promise to work with allies around the world and stand up to enemies. (Ibid. – Antes que o sr. McCain aparecesse, um vídeo concentrou-se nas imagens mais horrorosas do 11 de setembro, e o senador Lindsay Graham da Carolina do Sul, um dos melhores amigos do sr. McCain, saudou-o por sua precoce defesa de uma estratégia para o Iraque que foi bem sucedida – mais tropas. O sr. McCain reservou suas palavras mais duras para Moscou e Teerã, acusando Vladimir V. Putin de “reagrupar o império russo” e os mulás do Irã de agirem como o maior patrocinador do terrorismo no mundo. Mas ele também não disse nada sobre como abordaria essas questões, além de uma vaga promessa de trabalhar com os aliados ao redor do mundo e de enfrentar os inimigos.)*

26 Dictionary.com, “Hawk” em <<http://dictionary.reference.com/browse/hawk>>, acesso em 2 de nov. de 2010, p. 1.

27 D. Mainqueneau, *Análise de textos de comunicação*, São Paulo, 2001, p. 55.

Em sua argumentação na mesma notícia, o *New York Times* estabelece a contraposição entre os dois principais candidatos no que diz respeito ao terrorismo e suas implicações na política externa do país: de um lado, McCain que advoga a existência de um Eixo do Mal contra os Estados Unidos – uma postura que coloca os dois lados em posições antagônicas (trevas); de outro, Obama, evitando conversar sobre o 11 de setembro e sugerindo levar uma questão de política externa para ser discutida na ONU – sugestão ridicularizada por um político republicano, mas que poderia abrir caminho para o diálogo (possibilidade de luzes):

(14) *On Wednesday night, former Gov. Mitt Romney of Massachusetts was at the lectern praising Mr. McCain for understanding that there is an Axis of Evil seeking to harm America, a term Mr. Bush has deliberately not used since he opened direct talks with its two surviving members, North Korea and Iran. Former mayor Rudolph W. Giuliani of New York mocked Mr. Obama for, he said, avoiding discussion of the Sept. 11 attacks and advocating taking the Russian invasion of Georgia to the United Nations Security Council.* (Ibid. – Na quarta-feira à noite, o ex-governador de Massachusetts Mitt Romney estava num púlpito elogiando o sr. McCain por entender que existe um Eixo do Mal procurando prejudicar os Estados Unidos, um termo que o sr. Bush não tem usado deliberadamente desde que ele abriu conversações diretas com dois sobreviventes de seus membros, Coreia do Norte e Irã. O ex-prefeito de Nova Iorque Rudolph W. Giuliani zombou do sr. Obama por, ele disse, evitar a discussão dos ataques de 11 de setembro e advogar levar a invasão da Geórgia pela Rússia para o Conselho de Segurança das Nações Unidas.)

Pelo implícito, o jornal aponta, no exemplo acima, que McCain apresenta-se como mais radical que Bush (trevas), pois tende para o endurecimento em questões já tratadas por Bush pelo diálogo, como as relações com a Coreia do Norte e o Irã.

Para corroborar a postura do diálogo preconizada por Obama (luzes), o *New York Times* traz, intertextualmente, a opinião de um conhecido e respeitado especialista em política externa, Henry Kissinger, que ocupou a função de Secretário de Estado no governo republicano de Richard M. Nixon, ou seja, uma voz do mesmo partido de McCain que faz um alerta para este candidato. Trata-se de uma fonte de prestígio, corroborando a constatação de Traquina de que “uma das maiores descobertas da sociologia do jornalismo é o papel dominante das ‘fontes oficiais’”²⁸. Essa estratégia discursiva incorporada pelo periódico – uma advertência dentro do próprio partido – visa a enfraquecer a postura mais radical de McCain com respeito a conflitos externos:

(15) *“As a nation we have to understand our reach, but also our limits,” Mr. Kissinger told a packed audience of delegates and others at the Hubert H. Humphrey Institute of Public Affairs at the University of Minnesota. He urged the next president to go slow on promoting democracy around the world – one of the centerpieces of Mr. Bush’s foreign*

28 N. Traquina, *Teorias do Jornalismo. A tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional*, Florianópolis, 2005, p. 137.

policy – and suggested that lessons could be learned from Mr. Kissinger’s own cold war encounters with the Soviet Union. (*Ibid.* – “Como nação nós temos que entender nosso alcance, mas também nossos limites,” o sr. Kissinger disse para um auditório lotado de delegados e demais pessoas no Instituto de Assuntos Públicos Hubert H. Humphrey na Universidade de Minnesota. Ele exortou o próximo presidente a ir devagar ao promover a democracia ao redor do mundo – uma das peças centrais da política externa do sr. Bush – e sugeriu que fossem tiradas lições dos próprios encontros da guerra fria do sr. Kissinger com a União Soviética.)

Também com crítica ao candidato republicano pela escolha de Sarah Palin para figurar em sua chapa como vice-presidente, o *New York Times* aponta, em editorial, a ignorância e a falta de experiência da candidata em assuntos internacionais (trevas), o que interfere no perfil de John McCain:

(16) *Her answers about why she had told her church that President Bush’s failed policy in Iraq was “God’s plan” did nothing to dispel our concerns about her confusion between faith and policy.* (*Gov. Palin’s Worldview* (A visão da governadora Palin), 12 de setembro. – Suas respostas sobre porque ela tinha dito à sua igreja que a política fracassada do presidente Bush no Iraque era “plano de Deus” não fez nada para dissipar nossas preocupações sobre sua confusão entre fé e política.)

(17) *This nation has suffered through eight years of an ill-prepared and unblinkingly obstinate president. One who didn’t pause to think before he started a disastrous war of choice in Iraq.* (*Ibid.* - Esta nação tem sofrido durante oito anos com um presidente mal preparado e excessivamente obstinado. Aquele que não parou para pensar antes que começasse uma desastrosa guerra, por escolha, no Iraque.)

Em (17) acima, o *New York Times* critica a decisão tomada por Bush (do mesmo partido de McCain) ao declarar guerra ao Iraque – um momento de trevas. Entretanto, o jornalista e escritor Antony Loewenstein aponta que esse mesmo periódico aderiu à justificativa utilizada pelo governo para a referida invasão àquela época, não confrontando, portanto, o poder estabelecido:

Por exemplo, o NYT escreveu em 2003 sobre os supostos laboratórios de armas móveis, depois de um anúncio do Secretário de Estado Colin Powell em 5 de fevereiro de 2003 para o Conselho de Segurança da ONU. Tendo como fonte Chalabi [político iraquiano], essa informação foi dada por um desertor. Logo surgiu que os investigadores americanos não tinham interrogado essa pessoa, contudo [a informação] foi publicada no NYT como fato. (Alguns meses mais tarde, os especialistas concordaram que os laboratórios eram para uso civil). Não surpreende, portanto, que um crescente número de cidadãos americanos passou a ver a guerra do Iraque como um passo necessário na tão falada pelos Estados Unidos “Guerra ao Terror”²⁹.

29 A. Loewenstein, “The New York Times’ role in promoting war in Iraq”, 23 de março de 2004, em <<http://www.smh.com.au/articles/2004/03/23/1079939624187.html>>, acesso em 9 de nov. de 2010, p. 1.

A esse respeito, Charaudeau observa que a máquina midiática é prisioneira de seu próprio sistema de representação e, ao invés de estabelecer uma troca entre ela e o cidadão, efetiva essa troca entre ela e os atores do poder econômico, no intuito de sustentar sua promoção. Especificamente no caso do jornal aqui analisado assinala:

É o que pode explicar o fenômeno estranho do comportamento da imprensa americana (particularmente o *New York Times* e o *USA Today*) justificando a existência de armas de destruição em massa e a intervenção do exército americano no Iraque. Não se pode dizer que esses dois grandes jornais estivessem “vendidos” ao poder da Casa Branca como se tivessem assumido um engajamento político consciente a favor de G. W. Bush. A coisa é mais sutil. Tem a ver com a influência que um imaginário coletivo – no caso, o dos Estados Unidos, ao mesmo tempo ameaçados e portadores de valores universais – pode ter sobre as mentes sem que o processo seja totalmente consciente. Os jornais acima se entregaram às cegas a esse imaginário, sem sentir a necessidade de verificar o que quer que fosse, de tanto que a evidência dos fatos se impunha. A tentativa de fazer uma autocrítica, posteriormente, foi inútil: o mal estava feito e era irreparável.³⁰

Em 6 de outubro, o *New York Times* publicou entrevistas com os dois principais candidatos, em que os questionou sobre assuntos de política externa como as guerras no Iraque e no Afeganistão. No que tange à guerra no Iraque, os entrevistados dirigem os seus discursos para se diferenciarem um do outro. McCain, por exemplo, afirma que não pode estabelecer um prazo para a retirada das tropas, pois essa atitude poderia causar uma catástrofe. Afirma o candidato republicano:

(18) *What I was arguing against was setting a date for withdrawal, which I believe would lead to catastrophic consequences: a wider war, Iranian increase in influence, al-Qaeda establishing a base, and perhaps other nations being pulled into the conflict in the region and maybe the return of the United States of America.* (Transcript of McCain Interview (Transcrição da entrevista de McCain), 6 de outubro. – O que eu estava argumentando contra era o estabelecimento de uma data para a retirada, que eu acredito que levaria a consequências catastróficas: uma guerra maior, o aumento da influência iraniana, a al-Qaeda estabelecendo uma base, e talvez outras nações sendo puxadas para o conflito na região e talvez o retorno dos Estados Unidos da América.)

Contra-pondo-se ao seu adversário, McCain ainda se apresenta, em suas respostas, como o soldado que quer retonar como vencedor – provavelmente uma característica também decorrente de sua trajetória como soldado que lutou na guerra do Vietnã. Trabalha, nesse ponto, com o imaginário do povo americano que cultua a imagem do herói de guerra:

(19) *One of the differences is he wants to come home in defeat; I want to come home with victory and honor.* (Ibid. – Uma das diferenças é que ele quer voltar para casa derrotado; eu quero voltar para casa vitorioso e honrado.)

30 P. Charaudeau, *Discurso das mídias*, São Paulo, 2006, p. 260.

Essa contraposição estabelecida por McCain visa despertar no leitor/eleitor de sua entrevista o sentimento patriótico do soldado que luta pelo seu país e, ao final, desfruta das honras da vitória. Uma marca bastante comum na cultura americana, uma vez que o país esteve engajado em muitas guerras ao redor do mundo. Além disso, McCain faz questão de sublinhar a transformação que, na sua visão, as tropas americanas realizaram no Iraque, dada a função de os Estados Unidos estabelecerem a “ordem” pelo mundo, o que, para ele, justifica a permanência de suas tropas naquele país no momento da eleição, bem como a invasão em 2003:

(20) *But people can walk the streets of Baghdad today in relative security. (Ibid. – Mas as pessoas podem andar nas ruas de Bagdá hoje em relativa segurança.)*

(21) *Then I believe that we can see success in Iraq but I urge everyone to read General Petraeus’s statement about the fragility of all this but at the same time the facts on the ground is that Iraq is a dramatically different country than it was a year ago, a year and a half ago, when this surge began. (Ibid. – Então eu acredito que podemos ver sucesso no Iraque mas eu incito todos a lerem o pronunciamento do General Petraeus sobre a fragilidade de tudo isso mas ao mesmo tempo os fatos na área é que o Iraque é um país totalmente diferente do que era a um ano atrás, um ano e meio atrás, quando a invasão começou.)*

Observa-se, no trecho (21), que o candidato McCain quer, ao mesmo tempo, apontar justificativas para a continuidade da guerra – pela fragilidade do sistema iraniano ainda existente no momento–, e para a invasão inicial do Iraque – a mudança “positiva” operada com a guerra. Trata-se de uma postura beligerante, fruto de uma ideologia dominante, que busca, no discurso, razões para a continuidade do conflito (trevas).

Obama, por outro lado, aponta em sua entrevista uma solução ideal (luzes?), em que a retirada das tropas seja efetivada desde que alguns requisitos sejam preenchidos. Aponta ainda o diálogo e o monitoramento para a realização de eleições no Iraque – neste último caso, de qualquer forma, uma atitude de interferência:

(22) *And my criteria for an achievable and sustainable situation would be one in which you are not seeing mass violence in Iraq, you have a functioning, sovereign country that can protect its borders, that it is not a base camp for terrorists, that we have working relations with the country, that it does not pose a threat to us or its neighbors and that the will of the Iraqi people is being expressed... (Ibid. – E meus critérios para uma situação atingível e sustentável seria aquela em que você não vê violência em massa no Iraque, você tem um país soberano, funcionando, que pode proteger suas fronteiras, que não é um campo de base para terroristas, que nós tenhamos relações de trabalho com o país, que não constitui uma ameaça para nós ou para seus vizinhos e que o desejo do povo iraquiano esteja sendo expresso...)*

(23) *Now, I actually think that a conversation to have with the Iraqis would be: we are going to be beginning these redeployments so we better get these elections going and we’re going to be pushing you really hard precisely because we want to make sure that there is no violence surrounding that election. (Ibid. – Agora, eu realmente acho que uma*

conversa a se ter com os iraquianos seria: nós vamos começar essas movimentações [de tropas], portanto é melhor implementar essas eleições e nós vamos empurrá-los bastante precisamente porque queremos ter certeza que não haja violência em torno dessa eleição.)

Embora, a postura de Obama tenda para o diálogo e seja mais moderada que a de McCain, observa-se no discurso do candidato democrata uma atitude de patrulhamento em torno do governo iraquiano. A modalização da fala de Obama traz marcas de valores deônticos (que obrigam), em que expressões como “é melhor” “vamos empurrá-los” (conforme (23) acima) remetem à postura de quem se avoca o comando da situação. São avaliações subjetivamente marcadas que remetem à ideologia do candidato com relação à política externa de seu país. Acrescenta-se que o emprego do pronome “nós” (*we*), por parte de Obama, em (23) acima, visa a apresentar o seu discurso com uma relação de solidariedade em direção ao leitor/eleitor, o que, segundo Fairclough, estabelece uma interdiscursividade entre o discurso político tradicional e o discurso da experiência comum³¹.

Esse monitoramento mencionado por Obama em (23) é corroborado por sua intenção expressa de deixar forças americanas no Iraque por algum tempo, o que não constitui um quadro propriamente de luzes. Quando perguntado pelo entrevistador se lá deixaria “forças de Operações Especiais, suporte aéreo, helicópteros de ataque e o Medivac [aparato para cuidados médicos em confrontos armados]”, o democrata responde:

(24) *It would likely include all of the above. This is an example of where I would be asking the commanders on the ground, having set the mission, which is to prevent Al Qaeda from reconstituting itself and protecting our mission there, our embassy, and potentially the training functions. That question for the commanders would be: “What resources do you need to accomplish this mission?”* (Ibid. – Eu provavelmente incluiria todos os itens acima. Isso é um exemplo do que eu perguntaria aos comandantes na área, tendo estabelecido a missão, que é impedir a Al Qaeda de se reconstituir e proteger nossa missão lá, nossa embaixada, e potencialmente as funções de treinamento. Essa pergunta aos comandantes seria: “Que recursos vocês precisam para realizar essa missão?”)

Há, nessa resposta de Obama em (24), a intenção de valorizar o trabalho dos comandantes militares que estão no Iraque e, conseqüentemente, sinalizar pelo discurso essa intenção, pois como candidato à presidência, o democrata sabe que precisa do apoio deles. Fica, portanto, nessa entrevista, o sentido de ambigüidade: Obama pretende ou não abandonar a política externa beligerante dos Estados Unidos?

2.3. Guerra no Afeganistão

Esse conflito foi brevemente mencionado em editorial acima comentado, em que o *New York Times* traz críticas à candidata republicana para a vice-presidência, por sua inexperiência em política externa. Nesse contexto, no caso específico do Afeganistão, o jornal aponta atitude equivocada nas decisões do governo republicano de Bush com

31 N. Fairclough, *Media discourse*, London, 1995, p. 181.

respeito ao conflito nesse país – crítica colocada em paralelo com a responsabilização do então governo pela crise econômica existente (de forma proeminente) nos Estados Unidos no momento da campanha eleitoral:

(25) *One who blithely looked the other way as the Taliban and Al Qaeda regrouped in Afghanistan. One who obstinately cut taxes and undercut all efforts at regulation, unleashing today's profound economic crisis.* (Gov. Palin's Worldview (As visões da governadora Palin), 12 de setembro. – Um [governo] que alegremente olhou para o outro lado enquanto o Talibã e a Al Qaeda se reagruparam no Afeganistão. Aquele que obstinadamente cortou impostos e poupou todos os esforços em regulação, desencadeando a profunda crise econômica de hoje.)

Pelo implícito, o *New York Times* caracteriza o governo Bush como irresponsável, uma vez que não atentou para a movimentação do inimigo no conflito do Afeganistão; e, ao mesmo tempo, como incompetente, pois não utilizou as regulações adequadas para impedir a crise financeira. A escolha lexical “alegremente” visa expor, aos leitores, principalmente a irresponsabilidade do presidente no cargo, que, por ser do mesmo partido de John McCain, não colabora para a eleição do candidato republicano. Por contraposição, a conclusão do *New York Times*, também pelo não-dito, vai em outra direção, ou seja, na direção da viabilização de Barack Obama como futuro presidente:

(26) *In a dangerous world, Americans need a president who knows that real strength requires serious thought and preparation.* (Ibid. – Num mundo perigoso, os americanos precisam de um presidente que saiba que a verdadeira força exige seriedade e preparo.)

Na entrevista concedida por Obama ao *New York Times*, há uma menção à guerra no Afeganistão (conforme (27) abaixo), em que o candidato democrata mostra que, se eleito, suas decisões estarão baseadas em opiniões de especialistas militares. Com esse recurso de argumentação, quer mostrar que suas ações serão realmente fundamentadas e, ao mesmo tempo, prestigiar essa classe militar. Obama, um candidato sintonizado com as estratégias da mídia, utiliza um recurso bastante recorrente quando recorre a especialistas:

Por vezes, os jornalistas socorrem-se de especialistas (pessoas ou organizações), eventualmente para dizerem aquilo que eles próprios gostariam de dizer (Traquina, 1988), mas também para credibilizar os enquadramentos noticiosos e fornecer explicações autorizadas para os acontecimentos.³²

Nessa direção, em contexto em que aborda tanto o conflito do Iraque como o do Afeganistão, Obama afirma na referida entrevista:

(27) *The same is true when you look at our overall national security situation. I have got to figure not only how do we stabilize Iraq but also how do we succeed in Afghanistan, and when the commander on the ground in Afghanistan tells me we need more troops and more resources, and you have got Admiral Mullen saying I don't know to get those troops*

32 J. P. Sousa, *Introdução à análise do discurso jornalístico impresso: um guia para estudantes de graduação*, Florianópolis, 2004, p. 196.

there unless we start drawing down from Iraq that is something I have to think about. (Transcript of Obama Interview (Transcrição da entrevista de Obama), 6 de outubro. – O mesmo é verdade quando você olha para a situação geral de nossa segurança nacional. Eu tenho que calcular não só sobre como nós estabilizamos o Iraque mas também como podemos ter sucesso no Afeganistão, e quando o comandante da área no Afeganistão me diz que nós precisamos de mais tropas e de mais recursos, e você tem o Almirante Mullen dizendo eu não sei como colocar essas tropas lá a não ser que nós comecemos a baixar pelo Iraque que é algo sobre o qual eu tenho que pensar.)

Dessa forma, Obama sinaliza que suas ações no Afeganistão serão embasadas em pareceres técnicos (pareceres militares), conforme indica o discurso militar incorporado pelo democrata no trecho acima. Sua tendência nesse discurso, não é, portanto, uma inclinação política que poderia direcionar-se para o término do conflito (possíveis luzes), mas uma sinalização que aponta a continuidade do conflito (trevas).

Com relação à entrevista de John McCain, quando perguntado sobre seus planos para o Afeganistão e Paquistão, sua postura não se difere daquela de Obama. Sua fala também estabelece um interdiscurso com a linguagem militar, conforme abaixo:

(28) *There are tribes there that operate on their own. So what we need to do overall is employ a strategy such as the one that succeeded in Iraq. And that's what General Petraeus is going to do. And it is different in a number of ways. It's not exactly the same. But the principles are the same.* (Transcript of McCain Interview (Transcrição da entrevista de McCain), 6 de outubro. – Existem tribos lá que operam por si só. Então o que nós temos que fazer em linhas gerais é empregar uma estratégia tal como aquela que teve sucesso no Iraque. E é isso que o General Petraeus vai fazer. E é diferente de muitas formas. Não é exatamente a mesma. Mas os princípios são os mesmos.)

Mais adiante, quando o repórter afirma que as operações militares dos Estados Unidos foram efetuadas sem a cooperação do governo do Paquistão e Afeganistão, McCain tenta justificar-se, argumentando que os Estados Unidos estão combatendo um inimigo comum – para eles e para o país envolvido. As estratégias citadas pelo candidato republicano são igualmente as estratégias militares, apoiadas em especialista, no já citado General Petraeus, conforme exemplo abaixo:

(29) *I don't know how much is being done with or without. And I'm sure that's a discussion that needs to be held with the Pakistanis. I think you will see a greater degree of cooperation if we pledge our cooperation in combating a mutual foe, not just a foe of Afghanistan. So I think you will see General Petraeus support a doubling of the Iraqi Army, excuse me, of the Afghan Army, streamlining the command structure, working more closely with our allies both in command and control...* (Ibid. – Eu não sei quanto está sendo feito com ou sem [cooperação]. E eu tenho certeza que essa é uma discussão que precisa ser feita com os paquistaneses. Eu acho que você verá um alto grau de cooperação se nós empenharmos nossa cooperação ao combater um inimigo comum, não apenas um inimigo do Afeganistão. Então eu acho que você verá o General Petraeus apoiar dobrar o Exército no Iraque, desculpe-me, o Exército no Afeganistão, planejando bem a estrutura

do comando, trabalhando mais de perto com nossos aliados tanto no comando quanto no controle...)

Observa-se acima que o candidato McCain comete um ato falho, trocando o nome do Afeganistão pelo do Iraque – uma confusão cometida provavelmente porque os Estados Unidos estão envolvidos em três conflitos armados na região – no Afeganistão, no Iraque e no Paquistão, o que comprova sua política intervencionista na área.

Há também uma notícia sobre a campanha presidencial especificamente direcionada para a guerra no Afeganistão. O foco é um encontro entre altos funcionários da administração Bush e especialistas em assuntos do Afeganistão, tendo como plateia, conselheiros tanto da campanha de McCain como de Obama. O título da notícia (30) – uma informação em posição de destaque em sua estrutura – dirige a leitura para um quadro negativo no tocante à guerra nesse país; o lide (31) corrobora essa posição veiculada pelo *New York Times*. Para Lule, “as manchetes ou lides são uma das formas pelas quais os jornais ajudam a guiar e estruturar a leitura”³³. Confirmam os exemplos abaixo:

(30) Título: *McCain and Obama Advisers Briefed on Deteriorating Afghan War* (Conselheiros de McCain e Obama informados sobre a deterioração da guerra no Afeganistão, 31 de outubro).

(31) Lide: *Two weeks ago, senior Bush administration officials gathered in secret with Afghanistan experts from NATO and the United Nations at an exclusive Washington club a few blocks from the White House. The group was there to deliver a grim message: the situation in Afghanistan is getting worse.* (Dois dias atrás, importantes funcionários da administração Bush se reuniram em segredo com especialistas da OTAN e das Nações Unidas sobre o Afeganistão num clube exclusivo em Washington a poucos quarteirões da Casa Branca. O grupo estava lá para dar uma mensagem sinistra: a situação no Afeganistão está ficando pior.)

A expressão avaliativa “mensagem sinistra” (*grim message*) remete a uma situação desfavorável para os Estados Unidos no Afeganistão. Isso justifica uma tônica intervencionista no decorrer da notícia. Pela intertextualidade – o discurso indireto trazendo a voz de especialistas mais uma vez -, o *New York Times* exorta os dois candidatos a ficarem atentos e serem rápidos na tomada de medidas sobre a guerra nesse país, obviamente implementando uma política mais agressiva:

(32) *Over two days, according to participants in the discussions, the experts laid bare Afghanistan’s most pressing issues. They sought to make clear that the next president needed to have a plan for Afghanistan before he took office on Jan. 20. Otherwise, they said, it could be too late.* (*Ibid.* - Por dois dias, de acordo com os participantes na discussão, os especialistas expuseram os assuntos mais urgentes do Afeganistão. Eles procuraram deixar claro que o próximo presidente precisava ter um plano para o Afeganistão antes de tomar posse em 20 de janeiro. Do contrário, eles disseram, poderia ser muito tarde.)

33 J. Lule, *Daily news, eternal stories: the mythological role of journalism*, New York, 2001, p. 69.

No trecho abaixo, da mesma notícia, o próprio jornal incorpora a voz dos especialistas e ele mesmo faz as exortações aos candidatos. O uso do tempo futuro “encará” (*will face*), no exemplo abaixo, modaliza o discurso com uma forte predictibilidade com respeito a ações que deverão ser realizadas pelo presidente eleito:

(33) *The next president will also face what could be politically fraught decisions about how aggressively to pursue a campaign against militants taking shelter in Pakistan’s tribal areas and whether to embrace negotiations under way in Afghanistan aimed at getting elements of the Taliban to lay down their arms.* (O próximo presidente também encarará o que poderiam ser decisões politicamente significativas sobre como empreender uma campanha agressiva contra os militantes se abrigando nas áreas tribais do Paquistão e se vai abraçar as negociações em andamento no Afeganistão visando obter elementos do Talibã para entregar suas armas.)

Ao mesmo tempo em que o *New York Times* clama por uma política externa agressiva com relação aos militantes que se abrigam no Paquistão (trevas), o jornal incita, intertextualmente incorporando a voz de um embaixador, o governo seguinte a se engajar numa política de negociações com o Afeganistão (luzes) – uma tentativa de contrabalançar as opiniões, o que se configura como uma ação organizacional do periódico:

(34) *The Bush administration has been wary of these talks, on the grounds that they could involve fighters who have killed American troops, and in the belief that senior Taliban leaders have no interest in serious negotiations. But some senior American officials, including William B. Wood, the American ambassador in Kabul, are said to have pressed the White House to at least consider flexibility in its position.* (A administração Bush tem sido cuidadosa com essas conversas, pelas razões que elas poderiam envolver combatentes que assassinaram tropas americanas, e pela crença de que importantes líderes talibãs não têm interesse em negociações sérias. Mas dizem que alguns importantes funcionários americanos, incluindo William B. Wood, o embaixador americano em Cabul, pressionaram a Casa Branca para que pelo menos considere a flexibilidade em sua posição.)

Com relação aos candidatos especificamente, no decorrer da notícia o *New York Times*, também pela intertextualidade – as vozes dos próprios postulantes -, indica a continuidade e a intensificação do combate no Afeganistão, uma constatação em direção às trevas:

(25) *Both Mr. Obama and Mr. McCain have promised to increase the number of American troops in Afghanistan.* (*Ibid.* – Tanto o sr. Obama como o sr. McCain prometeram aumentar o número de tropas americanas no Afeganistão.)

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise empreendida corrobora a hipótese levantada no início deste artigo, uma vez que as matérias do *corpus* analisado apontam que as posturas dos candidatos sobre política externa oscilam entre uma posição de luzes, com aberturas para o diálogo e as negociações, e uma posição de trevas, com a interferência dos Estados Unidos em outros países ou com a intensificação e continuidade dos conflitos.

Constata-se que a posição de trevas ocorre no tocante aos dois candidatos, embora seja mais preponderante do lado do candidato republicano, John McCain. Este é caracterizado como “linha dura” em relação à Rússia, com uma postura beligerante, votou a favor da invasão do Iraque e se mostra dúbio com referência à retirada das tropas, inclinando-se para a continuidade do conflito, sem o estabelecimento de prazo para a retirada das tropas americanas; apresenta-se mais radical que Bush, uma vez que em 2008 ainda advoga a existência de um Eixo do Mal; no tocante ao Afeganistão, do mesmo modo que o candidato democrata, McCain se manifesta pela continuidade da intervenção americana; essa decisão dos dois candidatos é respaldada em especialistas de prestígio e endossada pelo próprio *New York Times*, que incita o próximo presidente a ser rápido em suas ações, pelo fato de a guerra no Afeganistão estar se deteriorando, embora o jornal também advogue as negociações.

Obama, mais do lado das luzes em política externa, defende um bom relacionamento com a Rússia, mesmo que, igualmente a McCain, defenda que a Rússia ultrapassou seus limites no conflito com a Geórgia e clame por uma força de paz; votou contra a invasão do Iraque e se propõe a por fim ao conflito “com responsabilidade”, fazendo a retirada das tropas americanas desde que algumas condições ideais sejam atendidas; advoga o diálogo, mas também o monitoramento das eleições no Iraque, deixando, para isso, forças americanas naquele país.

Aponta-se, também, que, quando os dois candidatos incluem em seus discursos a opinião dos especialistas militares, estão levando em conta a mediação da campanha eleitoral, pois pela mídia esses mesmos especialistas acompanham se são valorizados ou não pelos candidatos e, conseqüentemente, podem oferecer ou não o seu apoio aos postulantes à presidência. Trata-se, assim, de uma ação pessoal dos políticos na mídia, que se revela como estratégia de campanha de ambos os lados, mas que não contribui para um diálogo de aproximação dos povos (luzes) em termos de política externa. É apenas um jogo de linguagem em “que se percebem e negociam os valores e as visões do mundo e do outro”³⁴.

Observa-se, assim, que embora se vislumbrem algumas luzes no sentido de aproximação pelo diálogo dos países envolvidos nos conflitos acima mencionados, especificamente no caso do democrata Barack Obama, as posturas dos dois candidatos apresentam, nos textos analisados, sinais de manutenção das intervenções americanas em outros países (trevas).

Convém assinalar que a análise aqui efetuada constitui uma interpretação, dentre outras que podem ser feitas a respeito da maneira como o *New York Times* cobriu a campanha presidencial americana de 2008, no que diz respeito à política externa advogada pelos dois principais candidatos. Concorde-se com Fairclough que “não há tal coisa como uma análise ‘objetiva’ de um texto, se por isso nós queremos dizer uma análise que simplesmente descreva o que está ‘lá’ no texto sem ser ‘influenciada’ pela ‘subjetividade’ do analista”³⁵.

34 J. P. Sousa, *Elementos de teoria e pesquisa da comunicação e dos media*, Porto, 2006, p. 215.

35 N. Fairclough, *Analysing discourse: textual analysis for social research*, New York, 2003, p. 14-15.